

## A FÁCIL / DIFÍCIL ARTE DE SER PROFESSOR<sup>1</sup>

Celeste Duarte Baptista<sup>2</sup>

Era primavera no hemisfério sul. Os jacarandás tingiam de lilás a cidade e o grito vermelho das acácias fazia coro com o trinar dos pássaros. E foi assim, que no dia 14 de setembro de 1972 (faz um tempinho!) subi os degraus do antigo palácio da Maçonaria, transformado na Escola Industrial Mouzinho de Albuquerque.

Ainda me parecia um sonho entrar numa escola mais uma vez, carregando livros debaixo do braço, não para assistir às aulas, mas para ministrá-las. Passava de aluna a professora (embora ainda fosse aluna na universidade), e posso hoje afirmar, sem saber ao certo o que significava, de verdade, a expressão: SER PROFESSOR (a).

Perdoem-me se resolvi escolher para a minha fala de hoje, este caminho: escrever um discurso sobre a minha trajetória profissional para falar da difícil (ou fácil) arte de ser professor...

Ao preparar esta breve dissertação, pude perceber que o meu percurso acompanhava de perto as grandes transformações que a Educação vem sofrendo, sobretudo a partir da segunda metade do século XX. Temi perder-me em considerações ou alongar-me de forma cansativa fugindo da proposta de um tema, ao mesmo tempo, simples e complexo, superficial e profundo, tão vasto e tão

contraditório, como o significado que envolve as palavras-chave do tema que me propus abordar: Arte x Profissão.

Quis o destino que a minha vida fosse uma peregrinação entre cidades de diversos continentes onde se fala a Língua Portuguesa e onde exerci a tão nobre arte de ensinar e também a de aprender podendo dizer como o poeta Fernando Pessoa, “a minha pátria é a Língua Portuguesa”. No meu percurso de professora acredito que mais aprendi do que ensinei, por isso partilho da opinião de Guimarães Rosa quando afirma que “professor não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende”.

Naquela longínqua manhã de setembro, munida de livros e da caderneta de alunos, dirigi-me, pela primeira vez, à sala de aula, onde me deparei com 15 sorrisos de adolescentes, rapazes de um Curso de Mecânica Geral, tão ansiosos e perplexos como eu, na expectativa de conhecerem a nova professora de Português. Creio que consegui disfarçar a minha boca seca e o estômago se contorcendo, uma vez que tudo decorreu tão harmoniosamente que cheguei a acreditar (ao menos por um breve instante) que seria bem fácil a minha tarefa de ensinar. O tempo (e não demorou muito) se encarregou de me mostrar que estava completamente enganada. Mas,

<sup>1</sup> Palestra desenvolvida no Fórum Permanente de Educação da UnG em 26/04/2011.

<sup>2</sup> Professora de Literatura Portuguesa da UnG, Mestre em Linguística Letras e Artes, Licenciada em Filologia Românica pela Universidade de Lisboa, Pedagoga e Psicóloga.



por um breve instante, pude saborear o gosto da vitória de ter alcançado a realização do sonho de infância — ser professora — e pensar que poderia realizar o meu trabalho com certa tranquilidade. À tarde, desse mesmo dia, e diante de uma turma de 45 alunos, na maioria repetentes, descobri o travo mais amargo do sabor da profissão que acabava de abraçar... Afinal, nada seria tão fácil assim!!!

Nesse tempo, ser professora era, para mim, concretizar o sonho de menina, acreditando ainda que essa profissão era uma espécie de sacerdócio, de missão quase religiosa de levar a chama do saber a cada um daqueles rapazes, iluminando-lhes as mentes e abrindo-lhes novas perspectivas de vida.

Comecei a estudar muito, bem mais do que o fazia para cumprir minhas tarefas de estudante, acreditando que quanto mais eu soubesse, quanto mais conhecimentos eu tivesse e os conseguisse partilhar com meus alunos, mais fácil seria desempenhar o meu papel...

Sim isso era verdade. Nisso estava certa!

Até hoje acredito que quanto maior for o conhecimento do professor, melhor será o seu desempenho profissional, mas também aprendi que os caminhos do saber são árduos e tortuosos, e que não basta uma boa gama de conhecimentos para se dar uma boa aula.

Domínio de conteúdo, planejamento adequado, execução de tarefas na perfeição são essenciais à profissão de professor, mas por si sós, não garantem o êxito de sua atuação. Faltam ainda os temperos capazes de transformar a profissão em arte.

À medida que o tempo passava e os desafios se tornavam maiores, pude começar a perceber a diferença entre a prática da arte e a prática da competência profissional e que, se uma e outra, não caminharem de mãos dadas se perde o verdadeiro sentido do que é — SER PROFESSOR.

Naquela época ainda não tinha lido as “Conversas com quem gosta de ensinar” de Rubem Alves, sobretudo aquele belo texto “Sobre Jequitibás e Eucaliptos” em que ele estabelece a diferença entre ser educador e ser professor, atribuindo ao segundo, apenas a tarefa de transmissor de conhecimentos, enquanto o primeiro exerceria a verdadeira e complexa arte de educar, isto é de transformar o indivíduo como um todo e não apenas “preenchê-lo” de conhecimentos mais ou menos úteis.

Saída de uma “Escola Tradicional” e em meio ao fervilhar das doutrinas da “Escola Nova”, ouvira vagamente falar de Maria Montessori e da revolução que suas ideias estavam provocando no mundo escolar.

Morava em Moçambique, num momento histórico de plena luta armada entre o Movimento de Libertação de Moçambique (FRELIMO) e o exército português. Um, na tentativa conquistar a independência e o outro, na tentativa desesperada de manter a soberania do que restava do antigo Império Colonial... e assim, entre dois jogos de poder, nos sentíamos inseguros do que seriam os verdadeiros valores educacionais a serem defendidos e ensinados num momento em que tomar decisões ou partidos poderia ser fatal.

A década de 70 do século XX (1970), como já sucedera no século XIX, apresentava

um mundo convulsionado: conflitos armados, revolução feminina, a renovação imposta pelas teorias de Freud, as teorias existencialistas, a adaptação ao discurso libertário do Modernismo...

Eram tantas as liberdades exigidas, buscadas, proclamadas, defendidas, repressadas... falava-se em (praticava-se a) revolução sexual, revolução ideológica, conflitos entre poderes seculares e religiosos, desejos de matar o velho mundo e construir um novo mundo harmônico e justo, mas servindo-se dos métodos desarmônicos e injustos do velho mundo.

Volvidos quase quarenta anos desse dia longínquo, o meu olhar cansado, vislumbra derrotas e vitórias, sonhos perdidos, desilusões, um certo gosto amargo de derrota e, ao mesmo tempo, um doce gosto de muitas vitórias e a vontade de continuar perseguindo o sonho, por ter a certeza de que a luta é permanente e deve continuar, pois, algures, ainda haverá um jovem desejoso de conhecimento, aguardando a experiência dos mais velhos, para lhe abrir caminhos, guiado pela lanterna mágica do saber. Como um atleta do revezamento, esse jovem espera o bastão para continuar a corrida e repassá-lo ao próximo companheiro de luta.

Durante esta longa jornada tive de aprender que ensinar não é apenas preparar uma boa aula, ouvir o aluno, fazer dele um cidadão crítico e consciente. Não é exercer um poder paternalista, nem servir de confessor ou psicólogo. Não é ser o que elabora boas provas, fáceis demais para não traumatizar o aluno, nem difíceis demais para que ele sofra e aprenda que na vida só a dor traz

crescimento... Não é ser o que dá ou empresta luz a um ser desprovido dela (a-luno = ser sem luz). Não é ser o burocrata que vai para a secretaria da escola exercer funções que a outros dizem respeito. Ser professor não é apenas ser capaz de elaborar um plano de aula e segui-lo rigorosamente, mesmo que a situação exija mudança de planos...

Claro que ser professor envolve tudo isso, todas as tarefas que acabei de citar e que farão do professor um super-homem, um demiurgo, mas ele é apenas um pobre, um mísero ser humano.

Ser professor é, antes de tudo, ser capaz de promover mudanças em si mesmo e ajudar o seu educando a mudar e isso exige competência e arte.

Certo dia chegou àquela escola um novo diretor imbuído das ideias escolanovistas em moda e, bem antes de querer conhecer o meio a que chegara, preferiu julgar como despreparados todos os professores, por que lhes faltava planos de aula, planos de ensino, objetivos e estratégias delineadas e firmadas em papéis. Será que esses professores nunca planejavam suas aulas, só por que lhes faltava um registro escrito?

E quem, até então, se preocupava em fazer esses planos? Será que isso significava efetivamente não ter feito um planejamento? E quem garante que, até hoje, os que apresentam melhores planos são os que efetivamente os colocam em prática?

Não quero, de forma alguma incentivar a desorganização escolar ou negar a necessidade de apresentação e documentação do planejamento escolar necessários à organização. Quero deixar claro que, na profissão de

professor, os espaços destinados à organização e à criação (que nem sempre, ou quase nunca, é organizada), precisam apresentar um ponto de equilíbrio em que uma não sufoque ou anule a outra. De certa forma, algum tempo depois, aquele meu diretor, nos ensinou e aprendeu formas de conciliação entre o velho e o novo da escola.

Abril de 1974. Era primavera no hemisfério norte... Os ventos da História sopraram mais violentos derrubaram governos, criaram o caos, e nos colocaram diante de novos desafios, de mudanças radicais, de novas ideologias... Acontecia a Revolução dos Cravos em Portugal, que colocava fim ao Império Colonialista português. A transição de poderes, a instauração de novo regime político, levamos a intermináveis reuniões recheadas de discursos políticos, canções de louvor à nova situação, a novas e arbitrárias prisões, mortes, chacinas e medo...

Um ano depois, e mais uma vez na primavera chego à Europa e enfrento uma nova escola — Liceu Nacional de Oeiras, em Portugal, mais tarde transformado em Escola Secundária Sebastião e Silva. Era preciso popularizar o ensino. Liceu era uma palavra que remetia a coisa de elite. O mundo começava a defender um ensino para as massas, a abrir as portas da escola para todos, a simplificar métodos, a profissionalizar o ensino para que as escolas alimentassem o mercado de trabalho com mão de obra mais... (aqui sinto uma enorme dificuldade em encontrar o adjetivo adequado), digamos, mais capaz de preencher as novas necessidades da indústria a pleno vapor. Crescia o proletariado, as organizações sindicais ganhavam força e poder e

os operários ansiavam em governar o mundo... Mas este não é o assunto que nos trouxe aqui... (É só consultar a História do período).

A minha nova experiência profissional de professora me brindava com novas vivências de: anarquia falta de professores, greves, reivindicações, bombas, agressões verbais e físicas a professores e alunos na porta das escolas, reclamações de pais dizendo que os professores não queriam trabalhar e eles (pais) teriam que aturar os filhos em casa (essa eu escutei no mercado). Mudanças de currículos e programas facilitadores de aprendizagem (será?), reuniões e mais reuniões onde se discutiam mais as diferenças ideológicas do que os interesses reais do ensino, propriamente dito. Assistimos à abolição do respeito ao professor e ao aluno... Enfim, foram tantas as lições aprendidas no decorrer deste período, umas mais úteis do que outras, algumas hoje, felizmente esquecidas...

Valia agora a liberdade, até a da incompetência!

A Escola era um espaço anárquico buscando o equilíbrio entre o velho e o novo, que prometia um espaço à criatividade, se não fosse criativa em excesso.

Permitam-me mais um salto no tempo. Agora, já no Brasil... e era abril de novo, mas não era primavera. Novos desafios, novas experiências pedagógicas, mais uma escola secundária de primeiro e segundo graus em Guarulhos.

Diante de novas exigências de adaptação a uma nova realidade procurei, para complementar a minha formação, um curso de Complementação Pedagógica, nesta Universidade, então denominada Faculdades



“Farias Brito” e tive a felicidade de, terminado o curso, ser convidada para fazer parte do grupo docente e lecionar a disciplina de Didática.

Era o ano de 1986, eu acabara de dar à luz o meu segundo filho e, mal ele completara 15 dias de vida, lá estava eu, tão assustada quanto da primeira vez, diante do desafio de dar aulas no Ensino Superior.

Perdoem-me a divagação: “Coisas da velhice”, mas não esqueci a proposta do tema.

Ao me tornar professora do Ensino Superior, precisei estudar mais e mais, adaptar o meu vocabulário à compreensão do meu novo aluno, construir novas propostas, entender a Escola, a Família, a Sociedade em que estava inserida, cruzar o meu olhar estrangeiro, capaz de ver de fora para dentro, ao mesmo tempo em que tentava olhar de dentro, como quem faz, realmente, parte deste novo universo.

Quando se fala de mudanças, olho para o meu percurso vivencial, e percebo que as mudanças de casa, de país, de escola, contribuíram, não só para o meu enriquecimento pessoal, mas me têm ajudado muito na prática pedagógica.

Nesta nova prática pedagógica, estudei Didática, Filosofia, História e Sociologia da Educação, li Comênio, Fénelon e Dewey, Spencer, Darcy Ribeiro e Rubem Alves, aprendi o que não sabia sobre Maria Montessori, lecionei essas matérias e mais tarde, bem mais tarde, me formei em Psicologia, isto é, estudei e estudei, ensinei enquanto aprendia e aprendi enquanto ensinava.

Aprendi com Rogers o que é aprendiza-

gem significativa e tentei colocar em prática técnicas e métodos que fizessem com que o binômio Ensino-Aprendizagem se cumprisse. Aprendi, mais recentemente sobre Inteligências Múltiplas e sua aplicabilidade à sala de aula. Com meus alunos aprendi que ensinar não se limita à transmissão de conhecimentos, mas requer uma habilidade e percepção do mundo intrapsíquico e também dos mecanismos percorridos pelo cérebro humano que façam da relação acadêmica um ato de prazer...

Foi bem neste ponto, entre a descoberta do prazer de ensinar e de aprender, e com a certeza de que existe um abismo entre o que acreditamos ensinar e aquilo que efetivamente o nosso aluno aprende, que percebi que a profissão se transforma em arte.

Para o exercício da profissão valeu o esforço das longas noites mal dormidas debruçada sobre livros, e pesquisas, valeu o esforço de assistir a intermináveis aulas com bons (e não tão bons) professores, com quem aprendi muitas lições. Servi-me de modelos adequados a cada realidade e procurei estar sempre atenta, para não reproduzir os inadequados. Creio que é este, o ponto de intersecção entre profissão (tarefa) e arte (criatividade, inovação).

Arte é uma palavra de origem latina, “**ars**” que significa técnica ou habilidade. Segundo o dicionário Houaiss, arte é a “produção consciente de obras, formas ou objetos voltada para a concretização de um ideal de beleza e harmonia ou para a expressão da subjetividade humana”.

Arte é ação, arte é talento, criatividade, imaginação e o professor que pretenda ser educador tem de desenvolver cada uma



destas habilidades, tornando-as competências do seu fazer profissional. O educador deve ser capaz de procurar sempre, novas formas, novas técnicas, conhecer o público alvo, para que possa atender às demandas com eficiência.

Arte, dizem alguns, é inspiração, sopro divino, que transforma o homem comum num ser especial, mas todo o artista sabe que a inspiração sem transpiração nada produz tornando-se, portanto, vazia.

Pelo exposto, podemos concluir que ser professor, é uma arte, que exige talento e paixão que propiciam o prazer, sem esquecer a

importância do conhecimento e da competência profissionais.

Termino com Rubem Alves que nos lembra que:

**“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são pássaros em vôo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o vôo, isso elas não podem fazer, porque o vôo já nasce dentro dos pássaros. O vôo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.”**

Guarulhos, 26 de abril de 2011